

SEXUALIDADE FEMININA REPRESENTADA NOS FILMES PORNOGRÁFICOS FEMINISTA

*Claudiana Conceição de Souza

**Pedro Lucio Duarte de Paula

RESUMO

Ao longo dos anos, tem-se observado que a pornografia tem conquistado um espaço com poucas limitações e vem se transformando em um produto comum do consumo cultural. Entretanto questiona-se a existência de um olhar masculino patriarcal, que cria e impõe estereótipos no qual a mulher é vista de forma inferiorizada e objetificada nesse tipo de produção. Esta pesquisa traz como proposta analisar como se constrói a sexualidade feminina no cinema a partir da visão psicanalítica. Para isso buscou-se analisar como a pornografia feminista vem quebrando tabus, trazendo temáticas diferenciadas da pornografia tradicional, apontando para um novo olhar, criando novos contextos em que as mulheres se sintam protagonistas e não apenas coadjuvantes. Partindo dessa premissa, esse trabalho adota a seguinte questão norteadora: Como compreender, a partir da visão psicanalítica, como a pornografia feminista apresenta a sexualidade feminina? Para responder a essa questão utilizou-se como embasamento metodológico a análise documental que teve como referências produções bibliográficas sobre o tema e filmes pornográficos. Foram selecionados dois documentários e um filme. Para a análise dos dados optou-se pela análise de conteúdo proposta por Bardin (1979). Com base nos conceitos psicanalíticos sobre sexualidade feminina apresentados por Freud e Lacan, compreendeu-se que as múltiplas formas de vivenciar a sexualidade e o corpo feminino através da apropriação de símbolos pornográficos feministas visam romper com uma visão do pornô obscuro, uma vez que, um ato sexual pode ser apresentado com mais respeito às mulheres, identificando outras percepções do desejo.

Palavras chave: Cinema; pornografia, teoria feminista; Psicanálise, sexualidade feminina.

ABSTRACT

Over the years, it has been observed that pornography has gained a space with few limitations and has become a common product of cultural consumption. However, the existence of a patriarchal male gaze is questioned, which creates and imposes stereotypes in which women are seen in a lower ized and objectified way in this type of production. This research presents as a proposal to analyze how female sexuality is built in cinema from the psychoanalytic view. For this we sought

1

*Graduanda em psicologia pela Faculdade Ciências da Vida (FCV), Sete Lagoas-MG. E-mail: claudianacdesouza@yahoo.com.br.

** Graduado em Psicologia pela UFMG, especialista em filosofia pela UFMG, professor da Faculdade Ciências da Vida (FCV), Sete Lagoas-MG. Email:pedrolucioduarte@yahoo.com.br

to analyze how feminist pornography has been breaking taboos, bringing differentiated themes from traditional pornography, pointing to a new look, creating new contexts in which women feel protagonists and not just Supporting. Based on this premise, this work adopts the following guiding question: How to understand, from the psychoanalytic view, how feminist pornography presents female sexuality? To answer this question, the documentary analysis that had bibliographic productions on the subject and pornographic films as methodological basis was used as a methodological basis. Two documentaries and a film were selected. For data analysis, the content analysis proposed by Bardin (1979) was chosen. Based on the psychoanalytic concepts about female sexuality presented by Freud and Lacan, it was understood that the multiple ways of experiencing sexuality and the female body through the appropriation of feminist pornographic symbols aim to break with a view of obscene, since a sexual act can be presented with more respect to women, identifying other perceptions of desire.

Keywords: Cinema; pornography, feminist theory; Psychoanalysis, female sexuality.

1 INTRODUÇÃO

Observa-se que a pornografia, no decorrer dos anos, vem conquistando um espaço explícito passando a ser um produto comum do consumo cultural. Segundo Santana (2016) apesar da forma como que o corpo se representa, os órgãos genitais ou até mesmo as cenas de sexo explícito, o termo pornografia passou a ter a definição do que é nos tempos atuais. Em meados do século XVIII era somente uma forma crítica de contestar autoridades religiosas e políticas.

A partir das argumentações sobre a construção dos filmes com visões de identidade masculina e feminina, as autoras, Ann Kaplan e Laura Mulvey (1983) pesquisadoras e fundadoras da abordagem feminista na crítica cinematográfica questionam a existência de um olhar masculino patriarcal, que cria e impõe estereótipos no qual a mulher é vista de forma inferiorizada e objetificada.

Para compreender as múltiplas formas de vivenciar a sexualidade e o corpo feminino, Lacan (1973) descreve o feminino comum ser que não se submete inteiramente ao Édipo e à lei da castração, fase no qual meninos e meninas passam por crenças iniciais de que não há diferença anatômica entre homem e mulher. Segundo Passos e Kuss (2017) o gozo a mais que Lacan cita em suas obras, diz de um gozo do sujeito feminino enquanto modo de gozar, que vai além da anatomia, por isso o gozo feminino.

Este trabalho tem como objetivo geral compreender, a partir da visão psicanalítica, como a pornografia feminista apresenta a sexualidade feminina. Com base nos textos de Freud, o mesmo descreve a sexualidade feminina com base no Complexo de Édipo da seguinte maneira:

O complexo de Édipo da menina é muito mais simples que o do pequeno portador do pênis; em minha experiência, raramente ele vai além de assumir o lugar da mãe e adota a atitude feminina para com o pai. A renúncia do pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação” (FREUD, 1924, p.198)

Diversos autores reforçam a Teoria Feminista no cinema, para a indústria pornográfica não é diferente, é um assunto rodeado de tabus, que para muitos é algo desconfortável de se abordar e com um viés feminista se torna algo improvável, pois a pornografia *mainstream*, termo utilizado para denominar a pornografia com um viés patriarcal. Segundo Santana e Rubim (2017), a pornografia originalmente foi criada como forma de crítica, contestação religiosa e política. Com base nos estudos de Ann Kaplan (1995, p.43), sobre “A mulher e o cinema” no capítulo “Sob o olhar masculino no cinema”, a presente pesquisa se justifica a partir da argumentação da crítica feminista no cinema, sobre a construção de novos olhares para questões como masculinidade, etnia e sexualidade, trazendo novas narrativas para construções ideológicas impostas pelo patriarcalismo.

Com base em vários questionamentos sobre o pornô *mainstream*, a presente pesquisa tem como um dos objetivos específicos compreender o que fez com que muitas mulheres repensassem sobre a forma de produzir pornografia no qual foi transformada em um instrumento de vulgarização do sexo. Santana e Rubim (2017) corroboram com o cenário dizendo que “a concretização da dominação falocêntrica, responsável por um olhar sob a mulher como mercadoria para o desejo masculino”. (SANTANA; RUBIM, 2017, p.3104)

A pornografia sempre foi ressaltada como um tema controverso, uma forma “suja de pensar no prazer sexual”. Somente em meados do século XVIII, a pornográfica ganhou um novo formato, uma versão escrita no qual transformou-se em ferramenta para incitação sexual e de prazer, mas ainda assim, mantinha as críticas políticas e diferenças sexuais. Diante de diversos movimentos sociais revolucionários como feministas, de lutas raciais entre outros, a pornografia se ressignificou passando a apresentar com o perfil atual, um estilo *mainstream* frisando estereótipos de gênero e sexualidade. Com base nesta perspectiva, em meados dos anos 1990 durante uma

intensificação do movimento feminista, abriu-se uma nova proposta, a pornografia feita para mulheres, com direção e produção em sua grande maioria também composta por mulheres.

Segundo Smelik (2007) o cinema é considerado por algumas feministas como uma prática cultural, no qual representa algo a mais em relação às representações e mitos sobre as mulheres e a feminilidade, assim como sobre homens e a masculinidade. A princípio, a crítica feminista era direcionada somente para os estereótipos impostos em relação às mulheres, no qual no seu papel era ser mero objeto de desejo masculino.

Outro ponto a ser analisado é a compreensão de como a teoria feminista se apresenta no cinema pornográfico, o que visa mostrar um deslocamento da sexualidade feminina do falocentrismo abrangendo o debate sobre gênero e sexo.

Com base em uma análise documental no qual teve como referências produções bibliográficas sobre o tema e filmes pornográficos. Para uma maior identificação dos dados, também realizamos uma análise de conteúdo proposta por Bardin (1979) no qual foram analisados elementos verbais e não verbais dos seguintes documentários: “Xgirl DEPOIS X ANTES” (2018) e “Pornô Fetiche” (2017) da plataforma Xplastic, no qual atrizes, atores e diretoras relatam a diferença entre a pornografia *mainstream* e a feminista, trazendo diferentes formas de construção de enredos com temáticas que buscam a igualdade e ressaltam o prazer de todos envolvidos no ato, sem diferenciações como estéticas e orientação sexual. Segundo a autora Smelik (2007)

A estrutura narrativa do cinema tradicional estabelece o personagem masculino como ativo e poderoso, ele é o agente cuja ação dramática gira em torno, e o aspecto se organiza. A personagem feminina é passiva e sem poder: ela é o objeto de desejo do(s) personagem(s) masculino(s). Nesses termos, o cinema aperfeiçoou uma maquinaria visual adequada ao desejo masculino tal como o já estruturado e canonizado na tradição da arte e estética ocidental (SMELIK, 2007, parte I)

Diante dessas premissas podemos reafirmar como a pornografia feminista vem quebrando tabus, trazendo temáticas diferenciadas da pornografia *mainstream*, buscando um novo olhar, criando novos contextos em que as mulheres se sintam protagonistas e não apenas coadjuvantes. Além de debates que possam proporcionar a representação de um ato sexual mais real sem planejamento de posições sexuais, o que faz com que espectador se identifique com cada cena.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. REFLEXO DA TEORIA FEMINISTA NO CINEMA DENTRO DA INDÚSTRIA PORNOGRAFICA

O movimento feminista nos anos 1960 e 1990 se intensificaram em busca pela igualdade social e de direitos, com questionamentos sobre as formas de submissão e desigualdades. Nesta mesma época nos Estados Unidos e na Europa, nas décadas de 1970 e 1980, com uma forte crítica teórica feminista intensificou que buscava a libertação e emancipação da mulher nos campos sociais, políticos e subjetivos. Na indústria cinematográfica, a pesquisadora Teresa de Lauretis, denunciou em seus estudos o que ela chama de “tecnologia do gênero”. Nesse campo, os debates sobre conceitos de gênero se intensificaram e várias questões começaram a entrar em discussão: a representação da mulher negra e pobre nos filmes sempre como subalternas; questões também ligadas ao movimento LGBT, dentre outros. Desta forma aos poucos os debates foram alcançando um viés voltado para as discussões sobre gênero e racial.

Segundo Veiga (2017, p.1355) “a teoria, inicialmente era voltada para a apreciação da imagem feminina no cinema e seus estereótipos (...) e para um olhar masculino sobre os corpos femininos”. Mas algumas pesquisadoras como Kaja Silverman (1992) levantou questionamentos sobre a visão da mulher que era sempre acompanhada de um essencialismo. Segundo Smelik (2007) as críticas feministas tentaram entender o patriarcalismo e as formas como as diferenças de gênero são narradas com a ajuda de teorias baseadas na semiótica e na psicanálise. Com base em vários questionamentos sobre o pornô *mainstream* e a propagação da teoria feminista na indústria do cinema, novas atitudes e visões fizeram com que muitas mulheres repensassem sobre a pornografia, deixando de ser somente um ato obscuro, mas algo que trás a naturalidade e pode ser transformado em expressão cultural. Segundo Santana (2016), o que a crítica feminista ao cinema hollywoodiano busca discutir como os estereótipos impostos às mulheres funcionam e quais suas formas de opressão, já que ao transformá-las em objeto cujo endereçamento é a satisfação do desejo masculino, uma vez que as silenciam enquanto sujeito e as anulam como papel social.

2.2-A QUESTÃO DO GÊNERO E DO SEXO NO CINEMA

A diferença sexual no cinema gerou muitas controvérsias e debates o qual não poderia ser focado somente na diferença sexual. Segundo Smelik (2007) de maneira geral, o termo gênero parece indicar mais claramente a distinção entre anatomia (sexo) daquilo que é construído socialmente (gênero), assim como entre prática sexual e identidade de gênero. O que as feministas criticam no cinema é o olhar sobre as atuações de homens e mulheres, no qual o papel da mulher muitas vezes se torna um objeto endereçado ao desejo masculino.

Com base na teoria psicanalítica sobre a diferenciação sexual, Freud afirma que:

A rigor, se soubéssemos dar aos conceitos de “masculino” e “feminino” um conteúdo mais preciso, seria possível defender a alegação de que a libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, quer que ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto seja este homem ou mulher. (FREUD, 1905, p.207)

É necessário que haja uma desconstrução da compreensão do conceito de gênero visto apenas a partir do sexo biológico, podendo repensar sobre a constituição do sujeito no gênero, não silenciando as suas experiências e questões culturais. Segundo a autora Tânia Swain:

A imagem e os sentidos atribuídos aos corpos não são, portanto, superfícies já existentes sobre as quais se encastram os papéis e os valores sociais; são, ao contrário, uma invenção social, que sublinha um dado biológico cuja importância, culturalmente variável torna-se um destino natural e indispensável para a definição do feminino. (SWAIN, 2000, p. 51).

As feministas no cinema buscam adotar novos discursos cinematográficos, proporcionando um novo olhar, quebrando um padrão masculino. Segundo Kaplan (1995) as análises de produções cinematográficas são baseadas em dois vieses: o sociológico, que levanta questionamentos sobre relações de gênero no cinema e o semiológico, a partir da construção das expressões idiomáticas e toda a produção dos set. Após os estudos e a forte influência da Psicanálise, observou-se a importância da construção de novos significantes para essa análise.

Com base no livro “História da Sexualidade I”, Foucault afirma que:

“o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo; que, a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo; e que se tenha esperado desse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, e de reorientação, de modificação sobre o próprio desejo.” (FOUCAULT, 1988, p.26)

Ao se basear nos conceitos de Foucault nota-se vivemos em uma sociedade que impõem uma normatização corporal, questões ligadas à sexualidade e até mesmo ao prazer, no qual muitos não se encaixam em conceitos hétero normativos. Portanto a pornografia feminista busca trazer um novo conceito com um discurso mais inclusivo, dando voz não somente para o público feminino, mas também dando abertura para outros grupos silenciados como negros, LGBT e profissionais do sexo.

2.3 A PSICANÁLISE O GOZO FEMININO E O FEMINISMO

Os estudos de Freud sobre a sexualidade feminina mostram muitas divergências sobre a interpretação e compreensão da mesma. Freud descreve em seu texto “A dissolução do complexo de Édipo” em 1924:

“A menina gosta de considerar-se como aquilo que seu pai ama acima de tudo o mais, porém chega a ocasião em que tem de sofrer parte dele uma dura punição e é atirada para fora de mim paraíso ingênuo. O menino encara a mãe como sua propriedade, mas um dia descobre que ela transferiu seu amor e sua solicitude para um recém-chegado.” (FREUD, 1924, p.193)

O Complexo de Édipo se revela em um processo longo com grande influência do Complexo de Castração, que se apresenta de maneira diferente entre meninos e meninas, no qual todos passam por crenças iniciais de que não há diferença anatômica entre homem e mulher, pois se pressupõem que todos são possuidores do falo. Após as experiências sexuais na infância, a menina descobre que não é possuidora de um pênis. Lacan (1972) coloca o gozo fálico como aquele que está fora do imaginário, do corpo, porém não fora do simbólico é marcado por uma falta:

O discurso analítico demonstra, (...) que o Falo é a objeção de consciência, feita por um dos dois seres sexuados, ao serviço a ser prestado ao outro. Que tudo gira ao redor do gozo fálico, é precisamente o de que dá testemunho a experiências analítica, e testemunho de que a mulher se define por uma posição que apontei como o *não- todo* no que se refere ao gozo fálico. O gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão. (LACAN, 1972, p. 15).

No texto de Freud (1905), “Os três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, afirma que se soubéssemos dar aos conceitos de “masculino” e “feminino” algo mais preciso, seria necessário defender a alegação de que a libido é normativa, e de natureza masculina e que podem abstrair o

seu objeto. Para Freud a sexualidade feminina sempre apresentou um enigma, pois acredita-se ter algo velado, algo que a torna diferente e ultrapassa as características anatômicas. Entre os seus estudos Freud focou seus estudos no monismo sexual, uma hipótese de apenas um órgão sexual. Ou seja, todos são possuidores de um pênis, no qual na mulher passa a ser considerado o clitóris, como tal, nos ensaios. A presença marcante do complexo de castração em ambos os sexos é simbolizada pela inveja e a falta do pênis para a mulher. De acordo com a teoria freudiana:

Sabe-se que somente com a puberdade se estabelece a separação nítida entre os caracteres masculinos e femininos, num contraste que tem, a partir daí uma influência mais decisiva do que qualquer outro sobre a configuração da vida humana. (FREUD, 1905, p.207)

Ao analisar as observações psicanalíticas, as diferenciações entre os sexos masculinos e femininos até a puberdade, mostram que a organização da sexualidade se baseia em: sexualidade infantil sendo mais fálica e a adulta sendo mais genital. A fase genital só será desenvolvida na puberdade, com a descoberta da vagina. Freud cita que: “A puberdade, que no menino traz avanço tão grande da libido, distingue-se na menina, por uma nova onda de recalçamento que afeta justamente a sexualidade do clitóris” (FREUD, 1905, p.208)

Laura Mulvey (1995) afirma que:

(...) mesmo que se aceite o posicionamento psicanalítico da mulher, nem tudo está perdido, já que o Complexo de Édipo não se completa nas mulheres; ela coloca que “há sempre um lado pelo qual as mulheres não foram colonizadas”, já que foram “tão especificamente excluídas da cultura e da linguagem. (MULVEY, 1995, p.59)

A partir dos estudos freudianos Lacan buscou aprofundar mais os estudos sobre onde está a posição do feminino na sexuação, assim compreende como o gozo interfere no corpo feminino, no qual se divide em gozo fálico e o gozo do Outro. Segundo Lima (2017)

Se a lógica masculina tenciona esgotar o gozo dentro de um regime identitário, atribuindo uma série de predicados aos sujeitos que deveriam ser correspondentes ao gênero que lhes fosse determinado, a lógica da sexuação feminina, por outro lado, permite uma forma plástica de indeterminação produtiva que não se deixa restringir às determinadas predicativas de um princípio de identidade de gênero (LIMA, 2017, p.5).

Para Lacan, o gozo envolve o prazer e o desprazer, vale ressaltar que o gozo não pode ser limitado apenas ao sexo, pois existe algo além que se transpassa a posição fálica. Lacan (1957) formula no que ele denomina de “metáfora paterna”, e ao buscar uma maior compreensão sobre a castração, em “Os três tempos do Édipo”, traz como se constrói a diferenciação do campo do Outro

e da castração. No primeiro tempo a relação da criança não é com a mãe, como dizem, mas é com o desejo da mãe. A criança tem a figura materna como única, já a figura paterna fica fora da relação mãe-filho. A presença do pai se torna algo vedado, no qual sempre coloca em xeque a relação entre mãe-filho. Lacan (1977) afirma que a medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna, que o círculo não se fecha completamente em torno da criança, permanecendo como o objeto de desejo materno. No segundo tempo tem como característica a intervenção do pai como lei, proporcionando com que a criança depare a falta, no qual o pai e o falo se confundem, tornando-se único em relação ao desejo materno. No terceiro tempo, a criança já não está mais voltada em relação de ter ou não ter o falo, a criança a partir da intervenção do pai passa a investir como ideal do eu. Sendo assim Lacan conclui o terceiro tempo afirmando que:

Passemos agora à etapa seguinte do complexo de Édipo, que pressupõe, em condições normais que o pai entre em jogo, como dissemos da última vez, como aquele que tem. Ele intervém nesse nível para o dar o que está em causa na privação fálica, termo central da evolução do Édipo e seus três tempos. (LACAN, 1957, p.214)

Para uma maior compreensão sobre o gozo e a sua relação do Édipo, Lacan (1957, p.19) ressalta que “o ser sexuado dessas mulheres não-todas não pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica na fala”.

Com base nas teorias psicanalíticas e através da semiótica de teorias sobre representação e ideologia, a crítica feminista busca compreender a situação das mulheres diante das novas produções cinematográficas. O desejo feminino e a sua produção no inconsciente, foge de normatizações sociais e de gênero (Smelik, 2007).

3 METODOLOGIA

A pesquisa em questão é de natureza qualitativa do tipo descritiva e se baseia em uma análise documental que teve com referência a pesquisa bibliográfica de autores que estudam bem como os seguintes documentários da Plataforma Xplastic: “XGIRL DEPOIS X ANTES” (2018), “Pornô Fetiche” (2017) no qual foram analisados elementos verbais e não verbais. Na pesquisa bibliográfica para construção do referencial teórico, foram utilizados textos de Freud, Lacan, Ann

Kaplan e Foucault e artigos científicos publicados no site Scielo e PEPSIC a partir dos descritores: cinema; Teoria Feminista; Psicanálise e pornografia.

A análise dos dados foi feita a partir da Análise de conteúdo que segundo Bardin (1979, p.42) um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, que proporcionam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

4. ANÁLISE DE DADOS

Com base na análise do conteúdo foram selecionados pontos importantes dos documentários “XGIRL DEPOIS X ANTES” (2018) e “Pornô Fetiche” (2017) da plataforma Xplastic. Para uma maior compreensão dos dados analisados, foram eleitas duas categorias baseado em toda construção bibliográfica: a primeira descreve a diferenciação do sexismo e das produções *maisntream*, sob o ponto de vista de diretoras e atrizes da indústria pornográfica feminista sobre as produções *maisntream* e a segunda subdivisão o desejo feminino e a sua afinidade com o set de gravação.

4.1 SEXISMOS: PORNOGRAFIA MAINSTREAM X FEMINISTA

As mulheres vêm mostrando que a produção cinematográfica pode ser diferente, abordando uma produção de conteúdo com uma linguagem masculinizada. Segundo Santana (2016) a pornografia feminista surgiu enquanto movimento cultural ou até mesmo como gênero fílmico, a pornografia feminista não tem registro oficial de um marco de inicial, mas as primeiras produções surgiram por meados de 1980 com as americanas Annie Sprinkle e Candida Royalle, foram mencionadas como as primeiras diretoras no qual se destacaram por focar mais atenção e cuidados com as atrizes e os atores, principalmente quando os mesmos enfrentaram uma epidemia de AIDS entre eles.

Quadro 1. Por trás das câmeras

CATEGORIA	TRECHO	REFERÊNCIA
-----------	--------	------------

Por trás das câmeras	“Cara pornografia não precisa ser do jeito que estou acostumada. A pornografia <i>mainstream</i> é aquela que você chega no estúdio e o diretor vai falar que você vai gravar com fulano de tal, a cena será assim, assim, assado. E você tem que cumprir aquilo porque eles têm é um formato padrão é o que vende. Por mais que você esteja ou não confortável na cena.” (SIC)	SUNDANCE (2013)
----------------------	---	-----------------

Referência: Documentário: Pornô Fetiche- Mayanna Rodrigues (Xplastic)

A pornografia feminista procura trazer um enredo para as suas histórias, com características da vida real, e com tantas opções de filmes com essa narração, atualmente pudesse destacar o filme “Landlocked” (2018), dirigido pela cineasta Lívia Cheibub e a produtora Angélica Amalin. Segundo dados da entrevista com Zaidan (2019) na Vince Magazine o filme traz como roteiro uma história real baseada na escrita de Raphaela Tavarore, que apresenta a história de Joana e Thomas, dois jovens que se encontram em uma loja de conveniência e sentem uma conexão sexual e emocional. O enredo da história se baseia em pontos importantes como sexo casual também aborda questões relacionadas a inseguranças masculina. A cineasta Lívia Cheibub explica em uma entrevista para o Site Vice (2018) que “o filme pornô, tem influência no comportamento sexual e de gênero de uma geração em formação. Ao mesmo tempo, deixar o outro adentrar este espaço de vulnerabilidade dá chance à mágica e a cura de acontecer também, como retratado no filme” (SIC).

Segundo Sundance (2013) a maioria dos filmes feitos, são histórias construídas por homens. As histórias que elas querem contar tem o mesmo valor comercial. Por infringirem tanto os estereótipos de papéis, a partir da direção e produção, como também os próprios estereótipos de gênero, muitas mulheres são avaliadas negativamente ao ocupar altos escalões dentro da indústria pornográfica. Mas as mulheres defendem seu espaço reforçando que podem sim, ser mais colaborativas e atenciosas nos sets de gravação. Ao realizar buscas sobre autores que embasam e defendem a pornografia feminista, encontra-se artigo com o da professora de filmologia Laura

Mulvey (1999,p.837) em seus estudos baseados nos escritos de Freud explica como o cinema “reflete, revela e até participa da interpretação heterossexual socialmente estabelecida da diferença sexual que controla as imagens, as formas eróticas de olhar e observar. ”

4.2 GOZO FEMININO E A SUA RELAÇÃO NOS SETS DE GRAVAÇÃO

Quadro 2. Liberdade

CATEGORIA	TRECHO	REFERÊNCIA
Liberdade	“Eu estava fuçando na internet por aí, e achei o site da Xplastic e comecei a vê os ensaios das meninas e achei muito bacana. Vi que tipo, não tinha um padrão assim né, vários tipos de meninas tatuadas e com vários tipos de corpos e tal. E eu achei muito legal a estética do site e vi que tinha as redes sociais, comecei a considerar ser uma Xgirl.” (SIC)	Ann Kaplan (1995)

Referência: Documentário Xgirl Depois X Antes- Emme White (Xplastic)

No livro “A mulher e o cinema” (1995, p.43-60) a autora Ann Kaplan mostra como se dá a socialização dentro do patriarcalismo e de como os filmes se constituem neste modelo capaz de “satisfazer os desejos e necessidades padronizadas pela organização familiar do século XIX”. Kaplan se baseia na questão do “olhar e do sujeito”, uma vez que as análises do espectador se mostram em sua tendência humana, ao próprio EU intrínseco e ao aparato do cinema, despontando nesta lógica, que o olhar por trás da câmera é masculino, e a mulher a figura observada, ou seja, um objeto de desejo da figura masculina. Ainda de acordo com a escritora é possível mensurar que “tal transformação, não seria rejeição moral ao último, mas uma ênfase nas formas como as preocupações formais cinematográficas refletem as obsessões psíquicas da sociedade que, produz, normas e padrões patriarcal e normativos” (KAPLAN, 1995, p.45-55).

Silva et al (2017) nos afirma que,

“a sexualidade no centro da vida psíquica é desenvolvida o segundo conceito mais importante da teoria psicanalítica: a sexualidade infantil. Os principais aspectos destas descobertas são: A função sexual existe desde o princípio da vida, logo após o nascimento e não só a partir da puberdade como afirmavam as ideias dominantes. O período da sexualidade é longo e complexo até chegar a sexualidade adulta, quando as funções de reprodução e de obtenção de prazer podem ser associadas, tanto no homem, como na mulher. Esta afirmação contrariava a ideias predominantes de que o sexo estava associado, com exclusividade a reprodução. A libido, nas palavras de Freud, “é a energia dos instintos sexuais e só deles” (SILVA et al, 2017, p.4)

Assim, com base no processo de desenvolvimento psicossocial, o indivíduo em seu primeiro ano de vida encontra prazer no próprio corpo, pois a função sexual está fortemente ligada à sobrevivência. O corpo erotizado, já que as excitações sexuais estão localizadas em partes do corpo, revela um acréscimo progressivo também ligado às alterações de formas de gratificações e de relação com o objeto. A libido na teoria psicanalítica, é uma energia que está ligada a desejos sexuais e aos fenômenos psicossociais. O deslocamento da libido perpassa o desenvolvimento desde a infância do indivíduo e também durante as alterações do desejo sexual. A libido está vinculada a aspectos psicológicos e emocionais, de acordo com Freud esta energia está contida na psiquê .

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher atualmente vem ganhando espaço em lugares antes direcionados somente para o público masculino. Para um maior debate sobre o espaço que a mulher vem ganhando atualmente, o presente estudo buscou compreender a sexualidade feminina retratada nos filmes pornográficos sob o olhar psicanalítico de Freud e Lacan. Os principais pontos chave deste trabalho foi como o gozo feminino pode ser retratado nos filmes, em torno desta temática os principais conceitos como gênero, cultura patriarcal, sexismo, cultura e convencional foram pontos que rodearam todo debate sobre a questão norteadora “Como compreender a visão psicanalítica sobre a sexualidade feminina e a sua relação com a pornografia feminista? ”.

Um ponto a ser destacado é a forma com que a mulher vem se posicionando na sociedade. As atrizes atualmente procuram se focar mais em sua formação e durante os sets de gravação ser elas mesmas, sem se importar se o ângulo da câmera está lhe favorecendo em relação ao seu corpo.

O principal foco é não se importar com os padrões impostos pela sociedade, o importante é ser livre independente dos julgamentos, quebrando paradigmas sobre o que certo ou errado. Para as próximas pesquisas, sugere-se uma análise minuciosa dos filmes pornográficos, levando em conta nesse tipo de produção a potencialização da erotização do corpo feminino. Não seria o corpo masculino um objeto de desejo? Será que pornografia é somente o ato sexual em si? Pode haver um novo olhar para a pornografia hoje?

Um das limitações encontradas nessa investigação referem-se ao acesso há alguns filmes, pois, os filmes pornográficos feministas estão em fase de crescimento no Brasil, os quais se mantinham em uma visão totalmente voltada ao *mainstream*. Os filmes referência em pornografia feminista são produções internacionais, europeias e norte americanas.

Espera-se que esta pesquisa contribua para a psicologia, psicanálise e áreas afins da sexualidade e a arte, incentivando mais debates sobre a sexualidade feminina e levantando novos questionamentos sobre a necessidade de reposicionamentos do conceito de gênero desassociando da diferença sexual.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

FOUCAULT, Michel. “História da sexualidade I: a vontade de saber”. In: Edições Graal Ltda, Rio de Janeiro, 1999

FREUD, Sigmund. **From the History of an Infantile Neurosis**. Complete Psychological Works. Standard ed. London: Hogarth, 1955. v. 17.

FREUD, Sigmund. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Estudos sobre a histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. (1924) **A dissolução do complexo de Édipo**. In: O Ego e Id e outros trabalhos. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1969

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995 p.43 -60.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica.** In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 93-100.

LACAN, Jacques. **Seminário XX-Mais, ainda.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.1973.

LACAN, Jacques. **O Seminário V - As formações do inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Vol.5 1957

LANDLOCKED. Direção: Livia Cheibub, Produção: Angélica Abe, Andre Flexa, USA, Benji. 2018

LIMA, Vinicius Moreira. **As tábuas da sexualização, os gêneros e o contemporâneo.** Opção Lacaniana online nova serie. Ano 8. número 23. julho 2017

MULVEY, Laura. **“Prazer Visual e Cinema Narrativo”.** In XAVIER, Ismail. (org.) A Experiência do Cinema. Col. Arte e Cultura, no 5. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

MULVEY, Laura. **“Visual Pleasure and Narrative Cinema.”** Film Theory and Criticism: Introductory Readings. Eds. Leo Braudy and Marshall Cohen. New York: OxfordUP,1999.

PASSOS, Guilherme dos Silva; KUSS, Ana Suy. **A femilidade: uma construção do ser mulher. Revista contemporartes.** Paraná 2017. Disponível em: <http://revistacontemporartes.com.br/2017/08/25/a-feminilidade-uma-construcaodo-ser-mulher/>. Acesso: 20 de agosto de 2019.

PORNO FETICHE. Direção Ana Maria Madeira, Brasil, Xplastic , 2017.

SANTANA, Léa Menezes. **Quebra de paradigmas e contra atuações: como a pornografia feminista contribui para ressignificações também nos bastidores da indústria cinematográfica.** Revista Feminismos. V.4, n 3, 2016. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30227/17851>> Acesso em 01 jul 2019.

SANTANA, Léa Menezes; RUBIM, Lindalva Da Silva. **Feminismo E Pornografia:**

Distanciamentos e Aproximações Possíveis. 2017. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/349/225>>. Acesso em: 07 jul. 2019.

SILVA, V. P. da S.; AZEVEDO, A. M. de.; CARVALHO, J. M. de. **O despertar da sexualidade: uma visão psicanalítica.** CONEDU – Congresso Nacional de Educação. V.4,

2017. Disponível

em:https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD4_SA7_ID6219_15102017165421.pdf> Acesso em 09 jun 2019.

SILVERMAN, Kaja. **Male Subjectivity at the Margins**. New York and London: Routledge, 1992.

SMELIK, Anneke. **Feminist Film Theory**. Livro The Cinema Book, editora British Film Institute (2007). Tradução Revista Usina ,parte I,II,III.2015.

Disponível em: <https://revistausina.com/16-edicao/teoria-do-cinema-feminista-parte-i/>

SUNDANCE INSTITUTE. **Exploring the Barriers and Opportunities for Independent Women Filmmakers**, 2013. Disponível em <

<http://www.sundance.org/pdf/pressreleases/ExploringThe-Barriers.pdf> > Acesso em 10 maio de 2019.

SWAIN, Tania Navarro. **A invenção do corpo feminino ou “A hora e a vez do nomadismo identitário?”**. Texto de história, Brasília, n.1/2, p.47-84, 2000.

VEIGA, Ana Maria. **Gênero e cinema, uma história de teorias e desafios**. Revista Estud. Fem, vol. 25 no 3 Florianópolis Sept/Dec.2017

XGIRL Depois X Antes. Direção Roy Produção: May. Brasil, Xplastic 2018

ZAIDAN, L.; LOPES, D. **Fotos do makingof do documentário sobre diretoras da pornografia brasileira**. Vice Magazine [online]. Disponível em:

http://www.vice.com/pt_br/read/erika-lustesta-ocupando-o-porno-feminista. Acesso em: jun. 2019.